

A notícia como forma de conhecimento segundo Robert Park

Isabelle Anchieta de Melo*

"A notícia como forma de conhecimento". Se essa discussão é atual na academia já que hoje há um esforço de situar a notícia e mais do que ela, o Jornalismo, como forma singular de narrar e conhecer os acontecimentos, esse tema torna-se, já em 1940, uma antecipação. Quem faz essa importante tentativa é o jornalista e sociólogo Robert Ezra Park.

Para chegar a tal formulação a trajetória de Park oferece indícios reveladores. A começar pela sua efetiva atuação no jornalismo. Durante onze anos exerceu as funções de repórter e editor em Mineápolis, Detroit e Nova York, especializado-se em aspectos da realidade (marginalidade, emigração, delinquência, corrupção política, etc). Abandona a prática jornalística em 1898 para refletir sobre ela na academia e ingressa em Harvard para "compreender a natureza e a função de um tipo de conhecimento que chamamos notícia"(PARK, 1950). Estuda filosofia e recebe forte influência do pragmatismo americano representado naquele momento por seu então

professor John Dewey. Autor, esse, considerado, juntamente com Charles Sanders Peirce, William James os pais da corrente filosófica americana. Dewey, no entanto, mantinha alguns pontos de discordância com os demais e acreditava que tudo, as idéias, os valores e as sensações eram fruto de ações que se dão na prática. Assim, "Dewey, diferente de James, acreditava que a experiência (social, cultural, tecnológica, filosófica) poderia ser usada como juízo de valor da verdade".

Assim, influenciado pela perspectiva da práxis e da empiria pragmatista em sua formação nos EUA, Robert Park, segue o conselho de Dewey e completa seus estudos na Alemanha. Lá inicia sua formação em sociologia na Universidade de Heilderberg em Berlim sendo aluno de Georg Simmel. Autor, esse, que torna-se, também, uma de suas fundamentais influências, o que reconhece, dizendo ao se referir ao professor: "recebi minha única formação em sociologia"(PARK, 1950). Simmel reforça o caráter empírico da formação de Park. O faz, no entanto, não mais pela via da construção do real através da apenas na experiência da vida prática, como os pragmatistas americanos, mas afirmando que o real forja-se especialmente nas relações sociais, o que conceitua de "so-

*Mestre pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) no curso de Comunicação Social - Fafich. É uma das pesquisadoras do grupo "Jornalismo, Cognição e Realidade"(JR), da Universidade Federal de Minas Gerais. É professora de Teoria da Comunicação III para Jornalismo e Publicidade na FUMEC em Belo Horizonte.

ciação". Assim, para Simmel a vida social dá-se na interação entre os sujeitos na vida cotidiana. Formulação, essa, que se localiza em oposição tanto as visões totalizantes da vida social quanto a pura subjetividade dos sujeitos. O autor adota, assim, a perspectiva fenomenológica da apreensão da realidade social, realidade, essa, que "não se apresentando ao nível da realidade imanente, as formas, ao contrário, adquirem "vida" e conseqüentemente algum grau de estabilidade no interior do próprio "fluxo da vida", apresentado na noção de "jogar em sociedade". Assim, a realidade é percebida como uma forma de construção que se dá no movimento de interação e troca entre os sujeitos em um contexto social.

Park permanece quatro anos na Alemanha e em 1903, com 39 anos, defende sua tese de doutorado com o título *Masse und Publikum. Eine methodologische und soziologische Untersuchung*, orientado por Wilhelm Windelband. Com esse trabalho Robert Park é considerado, também, um dos fundadores da sociologia da comunicação em massa. Nela trabalha a relação entre os meios e opinião pública; os meios e controle social; construção da realidade jornalística e agenda social; opinião pública e ação social e antecipa a discussão das notícias como forma de conhecimento.

Volta aos Estados Unidos em 1903 e trabalha como assistente do psicólogo William James de quem mais tarde toma emprestados dois conceitos fundamentais para pensar a notícia como forma de conhecimento, que são o "conhecimento de" e o "conhecimento acerca de" (que detalharemos a seguir). James, também afinado com o pragmatismo americano, estudou vários aspectos da psicologia humana, interessando-se pelo êxtase

religioso e a mediunidade psíquica (o que o torna polêmico para sua época). James defendia ainda a retomada da complexidade na compreensão do sujeito, fazendo-se assim necessário a crítica entre a separação entre sujeito e objeto.

Depois de um ano acompanhando James, Robert Park, sente-se "cansado da vida acadêmica, com vontade de voltar a vida dos homens" (PARK, 1950). Engaja-se na defesa dos negros africanos e contra a exploração das tropas belgas de Leopoldo II no Congo, torna-se, então, secretário da Associação para a Reforma do Congo. Integra também, em 1905, a convite de Washington, o projeto Tuskegee, com intuito de fortalecer a comunidade negra no Alabama. Projeto que participa por sete anos, afirmando que dessa experiência "aprendeu mais sobre a natureza humana e o funcionamento da sociedade que em todos os estudos prévios que fizera na Universidade" (PARK, 1950). Em seguida percebe que mais do que se opor a academia, tal experiência, confere um ganho para seus estudos o que posteriormente torna-se um método de análise e soma-se a sua formação de forte influência pragmática e, a partir de então, sociológica. O que atesta, afirmando que "o conhecimento empírico em vez de substituir serve de base para uma pesquisa mais formal e sistemática" (PARK, 1950, VII).

Já com 49 anos, em 1912, Park ingressa na Escola de Chicago, a qual é geralmente posicionado teoricamente nos estudos da comunicação. Em 1924 assume a presidência da Sociedade Americana de Sociologia e coordena o curso de doutorado do departamento de Sociologia da Escola de Chicago. Essa que foi criada em 1892 e dirigida por Albin Small (teólogo, historiador e com forte

influência da sociologia alemã). Assim, a Escola possui forte influência da ideologia cristã - especialmente matizadas pela caridade - o que influencia análises sociológicas, além da filosofia pragmatista de John Dewey.

Encontra na perspectiva pragmatista da Escola de Chicago uma estreita relação entre o modo de apuração do jornalismo mais interpretativo e o modo de observação de um sociólogo. "Como um tipo de super repórter como os profissionais da Fortune, que escrevem mais exata e distanciadamente que a mídia, tendo a capacidade de interpretar as longas tendências sobre o que estava acontecendo na sociedade ao invés de permanecerem na superfície do fenômeno, satisfeitos em observarem o que parece estar acontecendo"(PARK, 1950, IX).

A escola é também conhecida por suas pesquisas empíricas direcionando seus estudos para a cidade de Chicago. Cidade americana, essa, que vivenciava um rápido crescimento, entrando no século XX com mais de um milhão de habitantes e alcança três milhões e meio segundo o censo de 1930. Sua população era essencialmente de imigrantes: migrantes rurais, do interior, e grandes contingentes de imigrantes estrangeiros, das mais diferentes nacionalidades. Era uma cidade industrial, moderna, experimentando embates políticos (grandes greves operárias) e o desenvolvimento artístico cultural. Dessa maneira, a sociologia de Chicago foi uma sociologia urbana, voltada, especialmente para a temática da cidade e da assimilação do estrangeiro.

Park sai da Escola de Chicago em 1936, já aposentado, para ingressar na Universidade Fisk, em Nashville, destinada a formar negros libertos da escravidão. Assim, ao final de sua carreira acadêmica dedica-se a sua

maior causa: a questão do negro e segue colaborando para a sua formação e publicando artigos. Morre em 7 de fevereiro de 1944.

Para concluir essa trajetória de Park é importante pontuar uma polêmica em sua localização teórica. Para o pesquisador Elias Machado um erro comum está na localização Park como um funcionalista. Corrente, essa, que marca a passagem dos estudos de campanhas políticas para a observar a presença da mídia no dia-a-dia, o que desloca também o interesse dos efeitos da mídia para, então, pensar suas diversas funções na sociedade. Para Machado, os estudos funcionalistas, no entanto, fixavam-se em fenômenos muito pontuais e particulares, o que segundo ele torna, neste aspecto, Robert Park "muito distinto dos sociólogos funcionalistas, mais preocupados com estudos de casos individualizados"(MACHADO, 2005, p.33). O que Elias Machado acredita que a localização mais correta para o autor é como um pragmatista, que, ao contrário dos funcionalistas, não necessariamente limita a pesquisa a uma experiência concreta e delimitada historicamente, mas que é um método capaz de _ através da observação da prática _ formular conceitos atemporais. "No método desenvolvido por Park, cada estudo de caso revestia-se de relevo porque tomava a forma da manifestação de um sintoma ou tendência em estágio de institucionalização na sociedade"(MACHADO, 2005, p.33).

Uma discussão sobre jornalismo ou notícia?

Robert Park usa, em seu artigo célebre "A notícia como forma de conhecimento", publicado em 1940, o termo notícia e não jor-

nalismo para fazer sua reflexão. A notícia, como sabemos hoje, é um dos gêneros do jornalismo, integra uma de suas formas de narrar os acontecimentos. Essa denominação que pode parecer uma troca acessória é reveladora e deve ser lida com cuidado para nossa interpretação. A palavra aparece 67 vezes em seu artigo de 18 páginas contra nenhum aparecimento da idéia de jornalismo. Há, além da notícia o aparecimento de outros termos, entre eles: jornal, imprensa, repórter, redatores, jornalista, reportagem, artigo, coluna e manchete.

Com essa constatação estamos chamando a atenção para o fato de não haver para o autor uma distinção entre os termos, tomando notícia como sinônimo de jornalismo. Ao apenas usar esse conceito ele não concebe que a notícia está inserida no campo do jornalismo que integra além dela outras formas como a reportagem, a crônica, o artigo, a resenha e etc. É como falar do conto ou do poema ao invés da Literatura. O mesmo é falar da notícia ao invés de do Jornalismo. Indistinção, essa, que justifica-se em parte pelo contexto histórico em que não havia, de forma ainda muito estabelecida uma distinção dos gêneros jornalísticos já que a própria empresa jornalística era incipiente. Assim, a imaturidade da própria organização jornalística reflete-se nas denominações do autor. E, apesar de seu esforço ser exatamente o de defender um lugar singular para o jornalismo como forma de conhecimento o autor acaba, pelo uso de termos muito técnicos para se referir ao jornalismo por fazer uma indistinção entre forma e saber, entre gênero e área de conhecimento. "Como vivia em um tempo menos complexo, com um ecossistema comunicativo mais simples, para Park jorna-

lismo era sinônimo de jornal"(MACHADO, 2005, p.30).

Assim, o que estamos chamando a atenção é que o texto deve ser lido levando em consideração seu contexto de produção. O que, ao contrário de diminuir sua força nos leva a ler com mais cuidado, não acrescentando a ele o que não diz e o que não daria conta de antever, mas não subestimando sua capacidade de fomentar, testar e iniciar uma discussão que ainda hoje é incipiente.

A notícia como forma de conhecimento

Faremos agora uma apresentação do artigo célebre de Robert Park apresentando uma possível arquitetura do texto "A notícia como forma de conhecimento". Chamamos de arquitetura do texto a sua organização lógica e interpretativa em temas gerais e sub-temas, deixando claro que não seguimos, necessariamente, a ordem cronológica do texto. Esclarecido o método, sistematizamos o texto na seguinte arquitetura:

Arquitetura do texto

1. Eleição e definição dos conceitos de James: "conhecimento de" e "conhecimento acerca de"
 - A construção do real pela linguagem
2. Notícia em comparação com a História
3. Notícia localizada entre o conhecimento de e o conhecimento acerca de

4. O presente especioso no jornalismo e sua relação com a sociedade urbana e industrial do séc XX
5. Notícia e Interesse público
6. Valores Notícia
 - Proximidade
 - Relatividade no contexto social
7. Notícia como instituição social

Arquitetura do texto – Detalhada

Segue, então, o detalhamento e a fundamentação da arquitetura proposta anteriormente:

1 Eleição e definição dos conceitos de James: “conhecimento de” e “conhecimento acerca de”

Park baseia sua reflexão sobre a notícia, trazendo para o campo da comunicação dois conceitos do psicólogo pragmatista Willian James (que como apontamos na contextualização foi tutor de Park em 1903). Os conceitos "conhecimento de" e "conhecimento acerca de" são cunhados pelo psicólogo em um artigo publicado na obra "Os Princípios da Psicologia" em 1896.

O "*conhecimento de*" seria "a espécie de conhecimento que inevitavelmente adquirimos no curso de nossos encontros pessoais e de primeira mão com o mundo que nos rodeia" (PARK, p.169, 1979). Ou seja, "*conhecimento de*" seria o que entendemos por "senso comum". E ele continua dizendo:

Tal conhecimento, com efeito, pode ser concebido como forma de ajustamento orgânico ou adaptação, que representa a acumulação e, por assim dizer, a fusão de uma longa série de experiências. É essa espécie de conhecimento pessoal e individual que faz cada um de nós sentir-se à vontade no mundo que escolheu viver (...) Um conhecimento que se incorpora no hábito, no costume e, por fim – por algum processo de seleção natural, que não compreendemos plenamente – no instinto; uma espécie de memória ou hábito social (PARK, p.169, 1979)

Assim, "o conhecimento de" é uma forma de saber que integra o sujeito e seu objeto de atenção. Há uma indistinção em que o conhecimento sobre o real passa a ser de tal forma naturalizado que perdemos sua dimensão como construção simbólica e social. Já o "*conhecimento acerca de*", trata-se do conhecimento racional, em que há um esforço de separar sujeito e objeto. Ou seja, "baseia-se na observação e no fato, mas no fato verificado, rotulado, sistematizado e, finalmente, ordenado nesta ou naquela perspectiva, segundo o propósito do pesquisador" (PARK, p.171, 1979). O sociólogo conceitua ainda três formas mais recorrentes desse conhecimento, que seriam: 1) Filosofia e Lógica, que se interessam pelas idéias; 2) História, que se interessa por acontecimentos e 3) Ciências Naturais ou de classificação, interessadas por coisas. Assim, essa capacidade de ordenar o real, que possui o mérito de torná-lo inteligível, acaba, por outro lado, em distanciá-lo das práticas cotidianas. Isso se dá porque o saber especializado se faz com base em artifícios, técnicas e jargões próprios, divorciados do senso comum. Já

que "a ciência, puramente intelectual, corre sempre o risco de tornar-se tão completamente alheia às coisas que, os símbolos com os quais opera, passam a ser meros brinquedos mentais"(PARK, p.172, 1949).

1.1 A construção do real pela linguagem

O autor levanta, ainda no momento em que está apresentando a definição das formas de conhecimento, uma questão de extrema relevância e atualidade. Essa questão é: o fato de que o real se dá pela mediação da linguagem. Assim, tanto "o conhecimento de" e "o conhecimento acerca de" não são o sinônimo do real em absoluto, mas formas de o dizer e o interpretar. Primeiro aponta que, mais do que uma limitação a centralidade da linguagem é uma forma de tornar inteligível o real. "A vantagem de substituir o curso real dos acontecimentos por palavras, conceitos e uma ordem lógica está em que a ordem conceitual torna inteligível a ordem real"(PARK, p.171-172,). E, mais do que um artifício o autor percebe a linguagem como um elemento que participa e integra a realidade, influenciando, em contrapartida no curso dos acontecimentos. O que fica evidente quando afirma: "na medida que as formulações hipotéticas que denominamos leis se conformam ao curso real dos acontecimentos, pode-se predizer, partindo de uma condição presente, uma condição futura das coisas"(PARK, p.172,).

Assim, para o autor não existe a possibilidade de dissociar o empírico do verbal, o pensamento e a materialidade. Tentativa de separação essa que aponta como "ter sido o erro do escolasticismo, que propendeu a substituir a relação de causa e efeito, que é

uma relação entre coisas, pela coerência lógica, que é uma relação de idéias"(PARK, p.172,).

2 Notícia em comparação com a História

Como apresentado Park define as modalidades do "conhecimento acerca de" que são: 1) Filosofia e Lógica, que se interessam pelas idéias; 2) História, que se interessa por acontecimentos e 3) Ciências Naturais ou de classificação, interessadas por coisas. Dentre elas a que mais se aproxima da notícia é a História, já que ambas se interessam pelos acontecimentos. Nesse sentido, é comparando e apresentando suas diferenças que Park busca conferir singularidade a notícia. E diz,

a notícia não é um conhecimento sistemático como o das Ciências Físicas. Antes, na medida em que se refere a acontecimentos, semelha a História (...). Entretanto, a notícia não é história, e seus fatos não são fatos históricos. Não é a história porque, em primeiro lugar, se refere, em conjunto, a acontecimentos isolados e não procura relacioná-los nem com seqüências causais nem com seqüências teleológicas. A história não só descreve os acontecimentos, mas também procura colocá-los no lugar que lhes cabe na sucessão histórica (PARK, p. 174, 1976).

Aqui Park demonstra que apesar de ambas possuírem como matéria prima os acontecimentos tratam-nos de forma diversa. Enquanto a História busca localizar o acontecimento dentro de uma ordem maior, a notícia mira-se apenas no acontecimento em sua

pontualidade. Enquanto a História busca interpretar e localizar, a notícia quer apenas apresentar e descrever. Assim, o centro da atenção da notícia está sob o presente e se recorre ao passado ou ao futuro esse recurso apenas é importante para explicar melhor o fato presente. O que fica claro busca distinguir o trabalho do historiador e do repórter. "A diferença do historiador, o repórter procura tão-somente registrar cada acontecimento isolado e só se interessa pelo passado e pelo futuro na medida que estes projetam luz sobre o real e o presente"(PARK, 174).

3 O presente especioso como singularidade do conhecimento oferecido pela notícia

Para Park a notícia é uma forma de conhecimento que não se interessa nem pelo passado (como acontece com a história), nem pelo futuro (como o que acontece, por exemplo, com a economia), mas pelo presente. A essa fixação pelo presente ele denominou de "presente especioso". Chama-o de "especioso", por se tratar de um presente singularizado na forma de conhecimento noticioso. Forma, essa, marcada pela efemeridade do conhecimento. O que fica evidente na passagem;

como forma de conhecimento, a notícia não cuida essencialmente nem no passado nem futuro, senão do presente - e por isso foi descrita pelos psicólogos como o "presente especioso". Pode-se dizer que a notícia só existe nesse presente. O que aqui se entende por "presente especioso" é indicado pelo fato de ser a notícia, como o sabem os editores

da imprensa comercial, mercadoria sumamente perecível. (PARK, p. 175,)

Esse conceito é um elemento central para entendermos a hipótese fundadora do texto do autor: a notícia como forma de conhecimento. Pois, aqui ele responde que conhecimento é esse que a notícia produz. Segundo ele um conhecimento sobre o presente e que só tem validade nesse mesmo presente. Ou seja, a notícia está destinada a satisfazer uma curiosidade de informação do público que cede no dia seguinte a uma nova curiosidade. Assim, notícia está destinada a durar apenas na atualidade do acontecimento e enquanto exista uma certa tensão e interesse por ele por parte do público. "A notícia só é notícia até o momento em que chega as pessoas para as quais tem interesse noticioso. Publicada e reconhecida a sua significação, o que era notícia se transforma em História"(PARK, p.175). Aqui Park demarca a diferença entre a notícia e a História dizendo que a primeira cumpre o seu papel na atualidade enquanto a segunda na posteridade. Enquanto o jornalismo cumpre sua função ao anunciar o fato, a História cumpre em ordená-lo dentro de critérios de relevância que lhe são próprios. Assim, o conhecimento produzido pelo jornalismo é sobre o presente e só faz sentido se significado nesse mesmo presente pelo público.

Outro elemento importante é o fato de que a notícia lida com acontecimentos banais do dia-a-dia e não apenas com grandes fatos históricos. O noticiário, ao relatar o presente especioso capta uma série de elementos que seriam menosprezados pelo conhecimento científico (representado por Park, por aproximação, pela História). Não há na notícia uma preocupação, como na História de situar o

acontecimento dentro de uma ordem cronológica maior, mas apenas de relatar o fato em sua atualidade e efemeridade, mesmo que em seguida esse mesmo fato torne-se relevante historicamente. A diferença é que o jornalismo tem a pretensão de torná-lo inteligível e atraente naquele instante, não importando-se em situá-lo de forma aprofundada. "A notícia nos chega em circunstâncias ordinárias não como história continuada, mas como uma série de incidentes independentes"(PARK, p.175)

Outra questão que Park ressalta que essa atualidade e essa fixação pelo presente acontecem em um contexto histórico particular que confere a notícia um lugar importante. Esse contexto trata-se de um momento de aceleração das descobertas tecnológicas do sec XX, especialmente fomentadas pelos EUA. Assim, essas constantes mudanças dão a impressão de uma aceleração do tempo e da necessidade de encontrar formas capazes de produzir conhecimento imediato. Assim, a notícia, frente a outras formas de registro ganha um valor particular nesse contexto.

O papel da notícia assumiu uma importância antes acrescida que diminuída em confronto com outras formas de conhecimento como a História, por exemplo. Tão rápidas e drásticas são as mudanças nos últimos anos que o mundo moderno parece ter perdido a perspectiva histórica, e nós parecemos estar vivendo, dia a dia, no que descrevi anteriormente como presente especioso. (184)

Assim, segundo o autor a sociedade do século XX experimenta uma série de mudanças que alteram a perspectiva histórica e cronológica do tempo. Trata-se segundo ele de um

momento em que os acontecimentos cedem a outros novos em tal velocidade que a impressão cognitiva causada por tal movimento é a de vivermos em um eterno presente, já que ele se superpõe de forma dinâmica. Nesse lugar a notícia ganha uma importância fundamental, pois é aquela que está atenta e se funda no "presente especioso". Tal importância é destacada quando afirma que "parece que a nossa é a época da notícia, e um dos acontecimentos mais importantes da civilização norte-americana foi o surgimento do repórter"(PARK p. 185,)

4 A notícia e seu interesse público

Park levanta outra questão importante sobre a notícia, que serve como importante contraponto as atuais interpretações da notícia como instrumento de manipulação do público. Essa formulação é a de que a notícia se funda e só existe enquanto há interesse do público. Idéia essa que reposiciona os atores do processo comunicativo, não sendo apenas o emissor responsável pelo início e manutenção da notícia. Nesse momento Park considera que a notícia só ganha força e continuidade se atingir o interesse do público, retirando a total autonomia dos meios de comunicação como detentores dos conteúdos e da importância dada aos acontecimentos dentro do noticiário (como o faz posteriormente os pressupostos do agenda setting).

Tal posição de Park pode ser observada quando afirma que "a notícia deixa de ser notícia assim que haja cessado a atenção que despertou e assim que a atenção pública tenha sido dirigida para outro aspecto do habitat ou algum outro incidente novo, emo-

cionante ou importante que seja capaz de prendê-la" (PARK, p.175). Há, portanto, por parte do público um interesse pelo novo e é ele que fundamenta a existência da notícia como forma de conhecimento sobre o "presente especioso". Não haveria notícia se não houvesse por parte dos sujeitos o interesse em saber o que se passa com os outros, com a sua cidade, com o seu país, o mundo e o universo ao seu redor. É essa curiosidade que justifica tanto a produção de notícias como relatos sobre o que há de novo.

Esse interesse é denominado por Park como uma espécie de "tensão" e é ela que garante a permanência ou não da notícia como algo novo ou não. Assim, é o público que dita a natureza da relação comunicativa, estabelecendo pontos de maior e de menor tensão, podendo até romper a comunicação. "Quando o espírito do público vagueia, a relação, o meio de comunicação secreta, ou qualquer outra coisa que esteja assegurando a transmissão da notícia dentro dos limites do público pára de funcionar, relaxa-se a tensão, rompe-se a comunicação e o que era notícia viva transforma-se em fato frio" (PARK, p. 175).

No entanto, Park com essa consideração não chega a menosprezar o papel do jornal e dos jornalistas na condução dessa tensão. Na passagem a seguir o autor esclarece a relação de co-dependência entre os meios e o público na manutenção da tensão e do interesse.

Quanto mais se eleva a tensão, mais estreita o limite de interesse público, e se limita a esfera de acontecimentos que o público responderá. Restringe-se a circulação da notícia; cessa a discussão e cresce a certeza de uma ação qualquer. Esse estreitamento do foco da atenção pública

tende a aumentar a influência da pessoa ou das pessoas dominantes na comunidade. Mas a existência desse domínio depende da capacidade da comunidade, ou de seus líderes, de manter a tensão. É assim que surgem os ditadores e se conservam no poder. E assim se explica igualmente a necessidade, para a ditadura, de alguma espécie de censura. (PARK in STEINBERG, p. 182, 1976)

Aqui Park aponta a importância tanto da notícia no estreitamento da atenção do público para esferas do acontecimento quanto menciona a importância dos líderes de opinião, quanto dos líderes políticos na manutenção da tensão provocada inicialmente pela notícia.

5 Valores-notícia

O autor considera que a notícia está geralmente associada "com o insólito e o inesperado. Segundo tudo indica, até o acontecimento mais corriqueiro têm probabilidade de se relatado na imprensa contanto que represente um afastamento do ritual costumeiro e da rotina da vida cotidiana (PARK in STEINBERG, p. 177, 1976). No entanto, pondera que

se é o inesperado que acontece não é o totalmente inesperado que surge na notícia. Os acontecimentos que fizeram notícia no passado, como no presente, são realmente as coisas esperadas, assuntos caracteristicamente simples e comuns, como nascimentos e mortes, casamentos e enterros, as condições das colheitas, a guerra, a política e tempo. São estas as coisas esperadas, a nação mesmo

tempo as coisas imprevisíveis. São os incidentes e acasos que surgem no jogo da vida (PARK, p. 176, 1979).

O autor continua sua tentativa de definição da notícia considerando que, apesar de haver uma certa regularidade na escolha do que é ou não notícia, essa tende a variar de valor e de importância de acordo com o lugar em que ocorrem. Ressalta dentre os valores um que acredita ter maior relevância e interesse junto ao público: a proximidade. "O leitor comum lerá uma coluna e meia de itens de duas ou três linhas a respeito dos homens e coisas da sua cidade antes de ler um artigo de uma coluna, por mais anunciado que tenha sido nas manchetes"(PARK, p. 175, 1976). Park acredita também que a ordem de importância dos valores notícia são gerados pelo seu local de ocorrência tendo estreita relação com ele, já que "todo público tem seus preconceitos locais e suas próprias limitações"(PARK, p. 178, 1976).

6 Notícia e instituição social

Ao localizar a notícia como forma de conhecimento o autor acaba por conferir um lugar não só organizacional, mas institucional para o jornalismo. O que significa afirmar que a notícia é parte da sociedade auxiliando em sua ordenação e funcionamento. Não se trata, assim, apenas de uma empresa ou organização privada que busca o lucro através da informação, mas de um discurso ou de uma forma de conhecimento que engloba várias organizações e é elemento importante na construção dos valores da sociedade em que se insere. Assim, mais do que apenas pensar a função da notícia na sociedade Park confere, na verdade um estatuto institucional ao

jornalismo. Considerando, portanto, a instituição como,

produto do interesse social que reflete as experiências quantitativas e qualitativas dos processos socioeconômicos. Organizadas sob a forma de regras e normas, visam à ordenação das interações entre os indivíduos e suas respectivas formas organizacionais. Tornando mais econômicas essas interações, as Instituições (formais ou informais), são instrumentos indispensáveis à compreensão da lógica evolutiva das partículas sociais, sendo o seu estudo primordial ao entendimento dos complexos processos pelos quais o Capital se estrutura. Em essência, as Instituições são responsáveis pela organização das interações sociais. (Wikipédia, nov. 2006).

A primeira função da notícia que a confere estatuto institucional seria, para o autor, o processo de mediatização do real. Assim, a notícia ao ser apresentada ao público assemelha-se a experiência direta do sujeito com o real, já que a mediatização jornalística busca meramente relatar os fatos, sem necessariamente interpretá-los ou ordená-los. Idéia essa que fica clara na passagem a seguir,

a notícia realiza de certo modo, para o público, as mesmas funções que realiza a percepção para indivíduo, isto é, não somente o informa como principalmente o orienta, inteirando cada um e todos do que está acontecendo. E fá-lo sem qualquer esforço do repórter por interpretar os acontecimentos relatados, exceto o esforço do repórter para os tornar compre-

ensíveis e interessantes (PARK, p. 176, 1976)

Para o autor a notícia possui, por apenas relatar o fato, uma função mais pragmática e referencial do que poética. "A notícia, pelo menos no sentido estrito do termo, não é história nem anedota. é alguma coisa que tem para pessoa que a ouve ou lê um interesse mais pragmático do que apreciativo" (PARK, p. 176, 1979). No entanto, não deixa de com isso considerar que seu discurso, por mais que relate configura-se como uma força institucional na sociedade, orientando, organizando e influenciando a opinião pública. Ou seja, ele confere relativa autonomia a notícia ao afirmar que "na medida em que foram relatados pelos jornais (acontecimentos) em que neles refletimos, tenderam a assumir uma significação nova e ideal (PARK, p. 180, 1976). E, também estabelece um lugar social importante a essa instituição social ao dizer que "a função da notícia é orientar o homem e a sociedade num mundo real. Na medida em que consegue, tende a preservar a sanidade do indivíduo e a permanência na sociedade (PARK, p. 183, 1976)

afro-brasileiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PARK, Robert. "A notícia como forma de conhecimento". In: Steinberg- Meios de comunicação de massa. São Paulo, Cultrix, 1976.

MACHADO, Elias. "O pioneirismo de Robert E. Park na pesquisa em Jornalismo". In: Revista Estudos em Jornalismo e mídia, vol.II, nº1. Florianópolis: Insular, 2005.

Bibliografia

BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FRANÇA, Vera. *Teoria (s) da Comunicação: busca de identidade e de caminhos*. In Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG. Belo Horizonte, v. 23, p. 138-152, dezembro, 1994.

FRANCISCO, Dalmir. *Comunicação, identidade cultural e racismo*. IN: Brasil